

## Derivas

Lucia Vignoli



Imagem 1: *Horizontes possíveis*, Lucia Vignoli, 2010.

“Quando o manto da noite cai sobre a cidade, que saudade...”<sup>1</sup>

Movimentos das águas conduzem a outro lugar.

Ai meu lugar  
Quem não viu Tia Eulália dançar  
Vó Maria o terreiro benzer  
E ainda tem jongo à luz do luar<sup>2</sup>

Reverberações: quando o manto da noite caiu sobre a cidade eu estava numa esquina de Madureira, a olhar o fluxo dos trânsitos e a “imensa teia”<sup>3</sup> a qual Lygia Pape se refere quando percebe novo tipo de relação com o espaço urbano. Lygia, em suas andanças de carro pela cidade, relaciona o fluxo de seus trânsitos com uma rede tecida em deslocamentos dinâmicos. Sua fala mostra um mapeamento que leva em conta a movimentação das pessoas que deixam suas passagens no ar em suas trajetórias na cidade.

fui percebendo um tipo novo de relação com o espaço urbano, assim como se eu fosse uma espécie de aranha tecendo o espaço, pois é um tal de vai daqui, cruza ali, dobra adiante, sobe e desce em viadutos, entra e sai de túneis, eu e todas as pessoas da cidade, que é como se passássemos a ter uma visão aérea da cidade e ela fosse uma imensa teia, um enorme emaranhado.<sup>4</sup>

O encontro da natureza, da arquitetura e da multidão em trânsito.

Em Espaços imantados, Lygia traz à visibilidade instantes de rua, em que olhares são atraídos para um polo gerador ou comunicador, capturando atenções, roubando o tempo dos que param para ver. A nova relação com o espaço urbano que estabelece a partir de seus deslocamentos também insere o encontro com o outro, as dimensões humanas. Em sua fala considera o camelô uma forma de espaço imantado por sua capacidade de criar um "corpo" no local em que se estabelece. "Corpo" esse confeccionado com sua oralidade, seu gestual e os objetos que manipula. O pequeno território em que muitas pessoas se aproximam através de um "discurso irregular, às vezes curto, às vezes longo"<sup>5</sup> pode desmanchar-se quando "de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz".<sup>6</sup>

Os movimentos das pessoas, suas histórias de vida, poesia.

Saio de casa, a câmera pendendo do pescoço, navego no meu mundo particular. Há tempos que desejo deixar a máquina captar imagens na cidade sem controle: um dia de domingo na praia do Rio, a linha de horizonte balizando a cena, o desfile das pessoas, as

falas misturadas ao som das ondas quebrando. Planejo mentalmente filmar o atravessar desde a rua até a beira d'água. Na calçada percebo minha sombra no calçamento de pedras portuguesas, começo a filmar. A máquina vai pendurada, captando uma travessia da calçada ao mar. No trajeto, a linha de mar se verticaliza, desloca o horizonte que se move conforme me movimento. Atravesso a rua, piso a areia, um jogo de vôlei; continuo o longo trecho de areia, não consigo me fixar em nenhuma cena; deixo-me levar, estou ondulando. Na captação da imagem meu movimento fabrica um desenho, e outras linhas podem ser percebidas; linhas de barracas de praia, linhas de pessoas. No percurso, sons de vozes dos ambulantes e das pessoas me embalam. Ao longe reconheço uma voz. É o pregão de um vendedor de sorvete: leva a pensar em um lamento nordestino. Uma voz que chora. Acelero meus passos, quero esse pregão. No vídeo percebo o som ambiente crescendo conforme me aproximo das pessoas, como um traço que se vai alargando. As vozes se espraiam pelo entorno. Deixam vestígios, rastros no ar. Chego à beira da água e paro meu movimento, o horizonte ainda está na vertical, cabeças passam pela linha de mar, faz-se uma pausa na flutuação da câmera. Sento na areia, olho para a linha que separa céu e mar, linha cambiante.

Som do mar e música interna não cessam.

Primeira deriva, e única em que a câmera está à deriva, torna claro o desejo de retrair o horizonte com coordenadas diversas do habitual. E o "azul sem fim."<sup>7</sup>

Envolver-me no caminhar de um casal,  
personagens de outro tempo.

"A chama não se apagou, nem se apagará."<sup>8</sup>

Em Madureira a rua ferve, um convite para me perder. Sento-me numa barraca que vende churrasquinho na Estrada do Portela. O dono parece um personagem de circo. Um casal caminha pelas ruas, pelas cores da indumentária imagino serem integrantes das escolas de samba Portela e Império Serrano: ele veste calça branca, chapéu Panamá e camisa azul; ela usa uma roupa verde-água característica dos participantes da Velha Guarda imperiana. A postura do casal ao caminhar me leva a cogitar serem personagens de um conto, de outro tempo.

"Axé, Mestre Candeia", anuncia Luiz Carlos da Vila. A música que reverencia o compositor funde a ideia de chama com o nome de Antonio Candeia Filho. E traduz a ideia de monumento que acontece ao se cantar a música.

"Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós."<sup>9</sup>

A chama não se apagou  
Nem se apagará  
És luz de eterno fulgor  
Candeia  
O tempo que o samba viver  
O sonho não vai acabar  
E ninguém irá esquecer  
Candeia<sup>10</sup>

O mesmo caminhar dos casais, em Madureira se prolonga no ritmo das minhas passadas na praia e nas marcas das pegadas. O mar presente, seu som ecoa na alma. A voz do mar conversa com o piano. Nas cenas de rua, os trânsitos, os fluxos e a promessa de não esquecer, não deixar a chama se apagar.

O piano e o encontro das ondas.

A letra da música "Bebadosamba", de Paulinho da Viola, contém o chamamento Bebadachama e reúne a ideia de invocar compositores de outros tempos para reverenciar o samba. A poesia nos convida a beber do samba, beber da chama do samba e homenageia vários compositores ao repetir a palavra chama antes de seus nomes.

"Chama que o samba semeia a luz de sua chama."<sup>11</sup>

Uma convocação para que não sejam esquecidos os artistas que já se foram e para que se mantenha acesa a luz do samba.

Cidade e música atravessam as derivas.

Considero a música um monumento, que impele a acessar memórias, chamar outros tempos, não esquecer. As rodas de samba, em que muitas pessoas cantam juntas, é uma experiência de imantação. Nessa direção transponho a ideia de monumento para o

momento presente nos instantes capturados nas *derivadas*. Através das letras, evocações de outros tempos ou pessoas, crescem ideias e desejos de explorar a cidade como cenário e também personagem. Em paralelo, trechos ou atmosferas de histórias que se referenciam na cidade emergem de "arquivos esquecidos".

Nos vídeos, as transições das imagens e dos áudios mesclam-se em frações de segundo, se sobrepondo uns aos outros, alongando o tempo e as relações que se fazem quando lembramos. O entrecruzamento de camadas da memória, acionadas por relações fictícias que se sobrepõem à realidade, incorporadas ao que é visto, adere-se à experiência sonora e me permite articular relações de espaço e tempo contaminadas por fabulações e pela potência da paisagem. Benjamin fala sobre a narrativa de Proust: "Pois o importante, para o autor que lembra, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua lembrança, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?"<sup>12</sup>

Mesmo as formações espontâneas da *mémoire involontaire* são imagens visuais ainda em grande parte isoladas, apesar do caráter enigmático da sua presença. Mas por isso mesmo, se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos da reminiscência, não visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador. O odor é o sentido do peso, para quem lança sua rede no oceano do tempo perdido. E suas frases são o jogo muscular do corpo inteligível, contém todo o esforço, indizível, para erguer o que foi capturado.<sup>13</sup>

Sonho. Estou numa cidade, ando por ruas, entro numa praça com sobrados coloridos; a atmosfera é mágica.

Calvino, em *Cidades invisíveis*, sugere que o espaço existe em relação aos sujeitos que os significam. As descrições de Marco Polo para Kublai Khan tocam esse ponto quando o viajante diz: "A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata."<sup>14</sup> Encontro veredas que se bifurcam na memória, "metáfora magnífica" de Roberto Corrêa dos Santos em *Modos de saber, modos de adoecer*. Memória labirinto, ampla, que abarca muitas percepções e, "como esponja, é fartamente permeável; porém, para contrabalançar o dispêndio gerado pelo excesso de materiais absorvidos, vale-se de uma força suplementar, que a torna em um certo nível, seletiva."<sup>15</sup> O "rio de murmúrios da memória"<sup>16</sup> estabelece uma conexão com as imagens captadas na cidade. A memória faz viajar no tempo e também nos faz criar ficções em torno das relações do



homem e o lugar em que vive ou passa. Na entrevista do documentário *Fellini: eu sou um grande mentiroso*, ele qualifica a memória como um elemento misterioso, quase indefinido. "Mas ela constantemente nos incita a manter contato com as dimensões, com eventos, sensações que não podemos definir, mas que sabemos confusamente que aconteceram".<sup>17</sup>



Imagem 2: Frame do vídeo *Na linha do mar*, Lucia Vignoli, 2008.

No texto do encarte do cd *Omaggio a Federico e Giulietta*, de Caetano Veloso, observo a descrição do compositor em relação à escolha das músicas para o show apresentado na Itália. A memória afetiva de um tempo vivido na infância se entrelaça com reverência à obra de Fellini. Caetano revela a certeza em cantar "Trilhos urbanos" por ser essa canção referência de sua meninice em sua cidade natal, Santo Amaro, onde assistiu aos filmes de Fellini pela primeira vez, "e de onde me vem esse sentimento de recuperação metafísica do tempo perdido que é semelhante ao sentimento que percebo nesses filmes".<sup>18</sup>

A imagem do rizoma que nas palavras de Deleuze e Guattari "não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo" se alinha com as articulações do meu pensamento quando nas *derivadas*. Na trama dessas relações estão diversas camadas de sentido – som, imagem, texto, memória pessoal, memória coletiva.

De fato, os universos, de uma arte à outra, bem como numa mesma arte, podem derivar uns nos outros, ou então entrar em relações de captura e formar constelações de universo, independentemente de qualquer derivação, mas também dispersar-se em nebulosas ou sistemas estelares diferentes, sob distâncias qualitativas que não são mais de espaço e de tempo. É sobre suas linhas de fuga que os universos se encadeiam ou se separam, de modo que o plano pode ser único ao mesmo tempo em que os universos são múltiplos irreduzíveis.<sup>19</sup>

Estilhaços de lembranças.

A busca de reviver e trabalhar novamente as memórias me conecta a Andreas Huyssen, quando afirma ser ela "sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento: em suma ela é humana e social."<sup>20</sup> Ao trazer a memória pública à influência de "mudanças – políticas, geracionais e individuais",<sup>21</sup> considera a impossibilidade de ela ser armazenada ou protegida em monumentos.

Em *A eterna batalha: um passeio pelos monumentos de Passaic*, Robert Smithson narra sua jornada de modo que parece flunar pelos anúncios e notícias quando diz que seus olhos foram tropeçando pela folha de jornal e passando por manchetes. A descrição do que vê no caminho mostra um constante jogo de inversão, seu olhar agudo subverte o significado de monumento quando diz que o "panorama zero parece conter uma ruína às avessas".<sup>22</sup>

Ao nomear "Monumento de direções deslocadas"<sup>23</sup> a ponte que se movimenta sobre um eixo central para deixar uma forma retangular passar sobre o "rio estático",<sup>24</sup>

ressignifica tudo que está a sua volta. Sua narrativa parece-me uma espiral. O contraponto dos vazios monumentais em Passaic, do mundo esquecido do subúrbio, com o "mundo de cartão-postal"<sup>25</sup> propõe uma fenda no que está estabelecido, desvela outro horizonte para o tempo e a memória.

Estou convencido que o futuro está perdido em algum lugar nos depósitos de lixo do passado não histórico; está nos jornais de ontem, nos anúncios insípidos de filmes de ficção científica, no falso espelho de nossos sonhos rejeitados. O tempo transforma as metáforas em coisas e as guarda em depósitos frios, ou os coloca nos playgrounds celestiais dos subúrbios.<sup>26</sup>

No texto Entropia e os novos monumentos, Smithson inverte o sentido de monumento ao afirmar que eles "parecem nos fazer esquecer o futuro em contraponto aos antigos monumentos feitos para permanecerem por séculos lembrando o passado."<sup>27</sup>

Monumentos de instantes de vida, Monumentos no tempo.

Deleuze e Guattari apontam as relações difusas de blocos de memória acionadas nos instantes de vida quando consideram que "toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato de monumento não é a memória mas a fabulação".<sup>28</sup>

Em Viagem à roda de mim mesmo, conto de Machado de Assis do livro Relíquias da casa velha, o narrador diz:

Encostei-me à janela da vida, com os olhos no rio que corria embaixo, o rio do tempo, não só para contemplar o curso perene das águas como à espera de ver apontar do lado de cima ou de baixo a galera de ouro e sândalo e velas de seda, que devia levar-me a certa ilha encantada e eterna. Era o que me dizia o coração.<sup>29</sup>



Imagem 3: Frame do vídeo *Na linha do mar*, Lucia Vignoli, 2008.

Penso nesse mergulho em si que fantasia, fabula, devaneia. A mística de desaparecer na multidão ao vivenciar as *derivas* desvela uma atitude de procura, de busca. As "reliquias de minha casa velha" guardam impressões adormecidas, soterradas na memória. Ir ao embate da rua, do exterior, me faz, curiosamente, ir ao encontro de mim.

As melodias me levam, embalam.

"Me exponho a tanta emoção, nasci pra sonhar e cantar."<sup>30</sup>

A simplicidade e o frescor nos versos da compositora Dona Ivone Lara encantam. Há uma musicalidade fluente que transborda nos contracantos que faz com sua

voz nas partes instrumentais das músicas ou quando acompanha outros cantores. Como se passeasse pela melodia.

"Nos movimentos do mundo, cada um tem seu momento."<sup>31</sup>

Caminho na praia como se estivesse num outro espaço. Desligo-me do peso dos dias e experimento um olhar diverso do habitual. Parece-me que estou em uma viagem, fora da minha cidade. "Pois o que dá valor à viagem é o medo. Ele quebra em nós uma espécie de cenário interior."<sup>32</sup> Albert Camus em seu ensaio Amor pela vida reflete sobre si ao descrever suas errâncias na cidade de Palma. Relaciona o que vê nas pessoas e na cidade com o estado de sua alma, em arroubamento.

A vida nos parece refletir-se ali por inteiro, na medida em que nossa vida se resume a esse momento. Sensível a todos os dons, como falar destes estados de embriaguez contraditórios que podemos saborear (até o da lucidez). E, talvez, nunca um lugar, a não ser o Mediterrâneo, me colocou, ao mesmo tempo, tão distante e tão perto de mim mesmo.<sup>33</sup>

No filme *Tão longe, tão perto*, de Wim Wenders, o discurso interno dos personagens humanos tece uma narrativa em que o passado transparece em seus pensamentos, atuando no presente. Os anjos mensageiros Cassiel e Rafaela conversam no silêncio, estabelecendo uma mediação entre o mistério divino e as dimensões terrenas. Transbordam o amor pelos homens e os chamam a recuperar por meio deles o olhar terno. "A luz entra no coração pelos olhos e depois reflete pelos olhos do coração."<sup>34</sup>

Luz, água e Rio de Janeiro.

"Todos têm um pensamento de vencer a solidão."<sup>35</sup> Somos sós e ligados, entrelaçados. "E quem pensar um minuto, saberá tudo dos ventos e se tiver sentimento, estenderá sua mão."<sup>36</sup>

Olhos de além-mar.

Lembro-me do vendedor de bolas que acompanhei; seu andar cadenciado, as cores das bolas pintando a paisagem. Ele surge e preciso dessa imagem. Ele desfila; eu o sigo. Em nossa conversa indago sobre sua vida, de onde e como vem com as bolas.

Ele parte, uma melodia me assalta e permaneço nela.

Ao juntar as imagens e o som, busco o contraponto da praia vazia com o dia de pessoas transitando, o movimento do mar, até a passagem do homem monumento que vem de longe vender bolas na praia de Ipanema num domingo de sol.

Na canção "Que não se vê"<sup>37</sup> encontro esse sentido de mistério que nos cerca e a apresento junto aos mares. Olho o mar mundo, a profundidade incomensurável do presente. No céu, a passagem das aves anuncia mudanças e as voltas do tempo.

"Nos horizontes do mundo"<sup>38</sup> a dimensão não visível em que a luz sem fim é o que nos une, por

Uma intensa luz  
que não se vê  
passa pela voz  
ao se calar  
É a vez de uma estrela  
guarda o nome dela  
nosso coração é o seu lugar

Somos sempre sós  
e ainda assim  
ela brilha em nós  
em ti, em mim  
nem bruta nem bela teu silêncio é tê-la  
a voz dessa luz, sem fim, sem fim<sup>39</sup>

---

<sup>1</sup> Letra da música "Morrendo de saudades", de Wilson Moreira.

<sup>2</sup> Letra da música "O meu lugar", de Arlindo Cruz e Mauro Diniz.

<sup>3</sup> Pape, 1983, p. 47.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Trecho da música "Perfeição", parceria de João Bosco e Francisco Bosco.

<sup>8</sup> Letra da música "O sonho não acabou", de Luiz Carlos da Vila.

<sup>9</sup> Rio, 2008, p. 28.

<sup>10</sup> Letra da música "O sonho não acabou", de Luiz Carlos da Vila.

<sup>11</sup> Letra da música "Bebadosamba", de Paulinho da Viola.

<sup>12</sup> Benjamin, 1985, p. 37.

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 48-49.

<sup>14</sup> Calvino, 1990, p. 14.

<sup>15</sup> Santos, 1999, p. 17.

<sup>16</sup> Letra da música "Bebadosamba", de Paulinho da Viola.

<sup>17</sup> Fragmento do depoimento de Federico Fellini. In Pettigrew, 2003.

<sup>18</sup> Texto do encarte do CD Omaggio a Federico e Giulietta. Universal Music, 1999.

<sup>19</sup> Deleuze; Guattari, 1992, p. 252.

<sup>20</sup> Huyssen, 2000, p. 37.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Smithson, dez. 2001, p. 46.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Smithson, 6 mar. 2011.

<sup>28</sup> Deleuze; Guattari, 1992, p. 218.

<sup>29</sup> Assis, 1946, p. 208.

<sup>30</sup> Letra da música "Nasci pra sonhar e cantar" de Dona Ivone Lara.

<sup>31</sup> Letra da música "Nos horizontes do mundo", de Paulinho da Viola.

<sup>32</sup> Camus, 2007. p. 97.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Diálogo entre anjos Rafaela e Cassiel. In Wenders, 1993.

<sup>35</sup> Letra da música "Nos horizontes do mundo", de Paulinho da Viola.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Música "Como tu mi vuoi", de Nino Rota e T. Amurri, com letra de Caetano Veloso, do CD Omaggio a Federico e Giulietta.

<sup>38</sup> Música "Nos horizontes do mundo", de Paulinho da Viola.

<sup>39</sup> Música "Como tu mi vuoi", de Nino Rota e T. Amurri, com letra de Caetano Veloso do CD Omaggio a Federico e Giulietta.

## Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. Relíquias da casa velha. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Ed., 1946.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. A imagem de Proust. In *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas v. 1.* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMUS, Albert. *O avesso e o direito.* Rio de Janeiro: Record, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- HUYSEN, Andreas. *Passados presentes: mídia, política e amnésia.* In \_\_\_\_\_. *Seduzidos pela memória.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- PAPE, Lygia. *Lygia Pape. Apresentação: Mário Pedrosa. Poemas: Luiz Otávio Pimentel.* Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- PETTIGREW, Damian. *Fellini: eu sou um grande mentiroso.* França, Itália, Inglaterra: Pandora Filmes, 2003.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas.* Org. Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior.* Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.
- SMITHSON, Robert. *A eterna batalha: um passeio pelos monumentos de Passaic. O nó górdio: jornal de metafísica, literatura e artes, a. 1, n. 1, dez. 2001.*
- \_\_\_\_\_. *Entropy and the new monuments.* Disponível em: <[http://www.robertsmithson.com/essays/entropy\\_and.htm](http://www.robertsmithson.com/essays/entropy_and.htm)>. Acesso em 6 mar. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Uma sedimentação da mente: projetos de terra.* In COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (Orgs.). *Escritos de artistas: anos 60/70.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- WENDERS, Wim. *A paisagem urbana.* Revista do Iphan, n. 23, 1994.
- \_\_\_\_\_. *As imagens devem obedecer à história. Entrevista.* Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mFIHnl4rmd0>>. Acesso em: 06 mar. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Tão longe, tão perto.* Alemanha: BioskopFilm, 1993.